

Esta dissertação foi defendida perante a seguinte banca examinadora:

São Paulo, de agosto de 2006.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

VALÉRIA VAZ

PERSPECTIVA APARENTE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Artes Visuais.

COORDENADORA: Prof^ª. Dr^ª. MIRTES MARINS DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: Prof^º. Dr. ERMELINDO NARDIN

SÃO PAULO

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Valéria Aparecida Vaz da .
Perspectiva Aparente. São Paulo, 2006.
30p.

Tese (Mestrado) – Faculdade Santa Marcelina.

Título em Inglês: Apparent Perspective

1. Fotografia 2. Memória 3. Cidade 4. Processo Criativo

RESUMO

A partir de reflexões sobre minha vivência, tanto na esfera pessoal quanto profissional, há uma década, em fotografia, apresento imagens e textos destacando elementos norteadores no processo de concepção da imagem. Com base no pensamento da produção fotográfica enquanto elemento de ordem ficcional, a abordagem temática se concentrou na idéia de memória e tempo.

O percurso metodológico foi constituído na produção e seleção de fotografias realizadas nos últimos cinco anos e posteriormente na elaboração de texto reflexivo.

ABSTRACT

From reflections on my experience as a person and as a professional for a whole decade, I introduce my images and texts highlighting some directional elements in the image conception process. Basing on photo production thought as a fictional element, the subject approach is concentrated on the idea of memory and time.

The methodological way was built on the production and selection of photos taken through the past five years and then on the thoughtful text construction.

ÍNDICE

Apresentação...06

Parte I

A fala...07

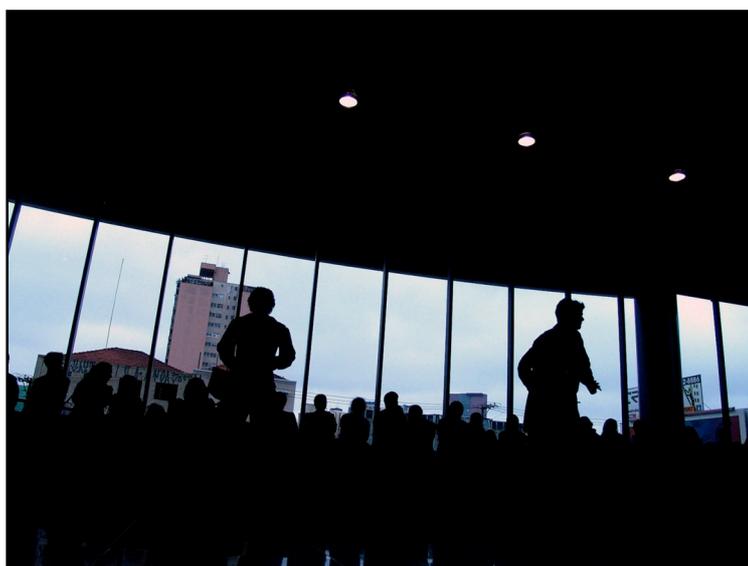
Considerações Finais...21

Bibliografia...22

Parte II

Imagens

APRESENTAÇÃO



Tal qual uma janela apresenta a possibilidade dupla de observarmos uma imagem interna ou externa, o fotógrafo pretende ser o revelador de uma visualidade singular, quando a partir de elementos reais instaura o inesperado.

As imagens apresentadas nesta dissertação apóiam-se numa “dialética do olhar” que ressalta o poder interpretativo das imagens. Pretende-se destacar os processos de elaboração de realidades que a fotografia possibilita e, por extensão, sua natureza ficcional.

A FALA

Quando o fotógrafo quer refletir sobre um determinado assunto, o faz por meio de sua câmera. O manejo com as palavras não lhe é impossível, porém como sujeito cúmplice da luz e observador dos espaços que o circundam, é com fotografias que o “fotógrafo fala”.

Parti desse pressuposto para apresentar meu trabalho. Revisitei imagens e idéias, procurei ir além da legenda e trazer parcialmente ao discurso lógico as paixões subterrâneas que movem os processos de concepção da imagem.

Pareceu-me, assim, um território delicado no qual a palavra paixão soasse disconcertante no campo das idéias, porém qual seria a melhor maneira de abordar e refletir a imagem fotográfica, senão explicando que desejos e paixões são gestos tão comuns como a escolha da marca de um filme ou de uma câmara ?

Nossas escolhas podem dizer muito sobre nós mesmos.

Escolhi fotografar com a luz natural. Isso já me diferencia do fotógrafo de estúdio que pode controlar toda iluminação de uma cena. Isso me “obrigou” a observar e conhecer o tempo com admiração. A luz de outono que deixa o céu com um azul mais intenso, é uma lição básica e inesquecível.

Tendo a paisagem como um vasto campo de trabalho, ficou evidente para mim que ao estabelecer o que ficaria de fora e o que seria “excluído” em uma tomada fotográfica, seria sempre uma versão pessoal de um dado ou um acontecimento. Com isso, comecei a acreditar que o fotógrafo pode criar uma ficção.

Assim, o que chamo de ficção na fotografia são os imperativos de gosto e consciência do fotógrafo, ou seja, suas escolhas.

O caráter de ficção que atribuo a fotografia, assemelha-se, para mim, ao caráter interpretativo que Susan Sontag menciona:

Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos.¹

A seguir apresento três imagens, que contribuem para o desenvolvimento da “fala” sobre fotografia que desenvolvo até aqui. A “ficção” que pretendi construir nessas fotos teve como base o ocultamento provocado pela contraluz. Pretendo que, ao retirar da cena um determinado número de elementos presentes no real, minha fotografia possa suscitar no fruidor o desejo e interesse em completar tais “informações” por meio do nosso imaginário.



¹ SONTAG, 2004. p.17

Dessa maneira, o contraste entre o céu de azul intenso e as sombras no primeiro plano é um componente instigador para quem vê a primeira imagem, pois apresentam um elemento provocativo insistente, que é a tentativa de identificação das meninas no canto esquerdo da foto. Há inclusive a sobreposição das crianças, que sugere uma procura feita pelo olhar – ainda que somente no plano mental - na tentativa de desdobramento de duas personagens em três.

A nuvem que aparece no canto oposto da imagem, se encontra aparentemente numa altitude desconhecida para nossos olhos parâmetros. Creio que consegui estabelecer um incômodo na percepção visual de quem vir a foto, pois me encontrava abaixo em um desnível de terreno



Na segunda imagem, as personagens se repetem; na verdade a foto é praticamente uma sequência da primeira. Ainda que um pouco ocultas, as meninas estão no plano ao fundo da foto, mas agora obtemos um pouco mais de informação, como o colorido de suas roupas.

Trata-se de uma seção de fotos para um álbum de noiva.

O ato fotográfico ganha uma duplicidade pela sobreposição do olhar voyeur que capta o fotógrafo no momento em que este registra o sorriso da noiva – claro que não vemos nenhum sorriso e muito menos podemos diferenciar os detalhes do vestido, mas é na ausência de detalhamento que vamos até aonde nossa imaginação e desejo podem levar.



Já nesta fotografia, os elementos suprimidos foram conseguidos pelo enquadramento, contraste de luz e elementos da própria cena – o desgaste do azulejo hidráulico omite a exatidão e registro dos desenhos em padrão.

O desgaste do azulejo me fez pensar e perguntar: qual o tempo que fora necessário

para ocasionar tal “falha”? A resposta veio em uma foto. Enquanto “clicava” ou enquanto hoje observo a imagem, fico imaginando quantos casais passaram por ali.

Na verdade, a imagem guarda uma ressonância afetiva muito particular, pois trata-se da Basílica Velha de Aparecida. Ali naquele lugar, há cerca de 37 anos, meus pais me seguravam sobre a pia batismal. Nas ausências, imaginei o “batalhão” de romeiros que se espremeram para passar naquela porta e pisar naquele chão em dias santos. Foi na ausência que tudo se fez presente, e creio que a força significativa dessa foto seja essa afirmação.

(...) isso demonstra que aquilo que cada um de nós vê depende da história individual de cada um e do modo como cada subjetividade foi construída²

Após comentar essas imagens, identifico três elementos de reflexão em minha fotografia: ficção, tempo e memória. Elementos epistemológicos complexos com variedade farta de definições, mas que se apresentavam interessantes para mim, a medida que possibilitava uma imbricação.

Pensar e definir o tempo como uma linearidade concatenada pela tríade passado-presente-futuro parece-nos “indispensáveis para a descrição de corpos que se movem, mas incompatíveis como experiência interna e seus conteúdos”³ Daí início uma cisão entre os conceitos de tempo linear e a possibilidade de uma temporalidade subjetiva. E dentro dessa última, uma fração de segundo pode ser “prolongada” em minha memória pela “eternidade” de minha existência.

² CRIMP, 2005. p. 5

³ JUNG, 2002. p.441

A memória é a relação com o tempo, que confere sentido ao passado como diferente do presente e do futuro.⁴ Na imagem fotográfica a precisão do tempo linear dá vez ao tempo subjetivo - o tempo da minha memória. Dessa maneira a foto encerra duas qualidades do tempo: seu dado objetivo com relação ao real e sua capacidade de servir a imaginação.

Cada pessoa com sua memória caminha pelas ruas. Vemos como queremos ver, o fotografo “tira” a foto, esse gesto engendra uma “revelação”.

A partir do momento que se instalou a fotografia digital, tenho tido cuidado com a ampliação das imagens e procuro encontrar um bom laboratório que corresponda as questões técnica que validem a satisfação da imagem impressa.

Na fotografia que envolvia a manipulação de produtos químicos, a palavra “revelação” era uma etapa diferenciada entre o momento do “click” e da foto final. Era necessário explicar que, às vezes, eu revelava, mas não ampliava todos os fotogramas de um filme. O fato é que a palavra, com a tecnologia digital, foi caindo em desuso no meu labor fotográfico. Visualizar a imagem no LCD⁵ na câmara já garante o que se “revela”.

No laboratório, com a luz de segurança, o agitar de papéis nas bandejas de químicos e a pinça que segura o canto do papel fotográfico, experimenta-se estranha sensação de uma imagem que se forma sobre uma superfície branca. Embora as lições de química e física adiantem as qualidades da matéria que permitem tal processo, a sensação de que algo especial se processa diante de nossos olhos é marcante. Creio que a palavra “revelação” descreve adequadamente o momento da formação da imagem.

⁴ CHAUI, 1994. p.130

⁵ LCD é o visor de cristal líquido geralmente acoplado na parte traseira das máquinas digitais.

Extinta a etapa de visualização no laboratório, a palavra revelação passa despercebida; torna-se importante pensar: no armazenamento do arquivo digital, nos conteúdos virtuais que permitirão, por meio de programas especiais, alterar as qualidades captadas e finalmente na qualidades técnicas das saídas de impressão que tornarão possível a formação da imagem no suporte material.

Para refletir sobre o primeiro conjunto de imagens apresentado nessa dissertação, com fotos feitas no centro velho da cidade de São Paulo nos últimos cinco anos, tomo como mote a palavra “revelação”

Talvez pudesse resumir toda minha ação como um gesto de colher e devolver imagens, e, nesse processo, revelar e revelar-se são ações complementares.

Mas a revelação deve alcançar ressonância além de si, o processo fotográfico e o artístico só se efetua pelo olhar do outro.

Num contraluz de fim de tarde visualizo corpos vindo em minha direção, a bela luz me cega para detalhes, mas me revela sensações, que embora imprecisas podem ser reconhecidas como agradáveis ou não.

Essa memória me assegura estabelecer relações entre os registros de Militão e Gaensley⁶ em fins do século XIX, com seus albuns fotográficos e as imagens dos edifícios que me circundam quando caminho pelo vale do Anhangabaú.

Nas imagens deles tento identificar meus edifícios e minha temporalidade, levo para o passado meu presente, torno atual o que se foi. Na verdade, alguns prédios ainda são os

⁶ Militão Augusto de Azevedo (1837-1905) e Guilherme Gaensley (1843-1928) foram dois dos principais fotógrafos a registrar a cidade de São Paulo no início do século XX.

mesmos, o que torna presente é o desejo de ouvir o bonde passando e os senhores de terno e chapéu atravessando as ruas. Aqui pergunto se minha memória me trai e me engana, mas a resposta é que minha memória me dá uma possibilidade a mais de perceber e experimentar a realidade.

Pego minha câmara e agora caminho acompanhada. Minha memória será registrada, isso é possível? Aprisionar a memória e formatá-la, é possível? Sim. Enquanto categoria mensurável pelo relógio, o tempo não para; mas enquanto elemento do pensamento humano o tempo desconhece limites, assim como a fruição de uma imagem fotográfica.

Fotografo. Não há bondes, vendedores dificultam o trânsito de pedestres, uma atitude atenta me acompanha a cada passo pois estou numa região com alto índice de roubos e furtos. A cigana não se deixará fotografar, a mãe-de-santo quer ler minha mão, os vendedores me assediam e eu me desvio de rostos suados. Embora observe com tanta atenção os tipos humanos que compõem o cenário urbano, meu desejo é conceber um outro olhar sobre o centro, no qual opto por registrar o vai-e-vem e o anonimato que lhe dá identidade.

Na imagem a seguir, sob o elevado que passa na praça Quatorze Bis, quase metade da cena é tomada por uma sombra escura, vinda dos pilares formando retângulos de luz que fatiam a cidade.





Na foto acima, com linhas mais sinuosas uma árvore retorcida aparece em primeiro plano como traços de um desenho composto por linhas de diferentes espessuras, ocultando parcialmente a torre de uma igreja.

Em meu trabalho não procuro imagens que permitam a identificação imediata do local, ou seja, quando uso termos como “luz que fatiam a cidade” ou “linhas mais sinuosas” em uma tentativa de descrever fotos que realizei, esboço o tipo de pensamento que me conduziu na concepção da imagem; não desejo pontos de referência ou paisagens corriqueiras, desejo recortes inusitados, desejo cenas que me surpreendam e que possam também surpreender o cidadão urbano, pois, embora sempre haja um traço familiar, o reconhecimento e a certeza da tomada nunca são garantidos.

Assim, em contrário ao cartão-postal, com imagens típicas da grande metrópole, quero que minhas fotos sejam um passeio pelo anonimato e pelo menos evidente da cidade.

Perder-se no centro é diluir-se num mar de pessoas, é alargar-se em descobertas, onde, a cada instante, um sotaque diferente se pronuncia e uma cena se esboça convidativamente. Diluir-me no centro é um jogo de luzes e formas que procuro captar.





Em meio ao fascínio que a cidade sempre representou para mim, pouco antes da banca de qualificação de mestrado, realizei uma viagem ao interior do estado de São Paulo.

Num ambiente praticamente oposto ao vai-e-vem urbano, a questão da memória norteou novas tomadas fotográficas. O cenário agora era rural e familiar, que retomava lembranças de infância quando a monocultura de cana-de-açúcar ocupava grande parte da paisagem do estado paulista.

A idéia de fotografar em preto-e-branco se firmou nesse desejo em realizar uma imagem que expressasse uma temporalidade dúbia, ora localizada em um passado recente ou ora com raízes em percepções antigas.

As fotos foram todas feitas em cor e suporte digital; como os dias trabalhados eram nublados e cinza, houve uma estratégia mental para fazer essa conversão de cores no ato da

tomada⁷, o que prevalecia era uma atenção às formas, ao enquadramento e a gama de cinzas que poderiam ser gerados.

O ensaio se estendeu para outras localidades, em regiões do Paraná e Goiás. Nestes casos não busquei uma imagem reminescente, privilegiei questões de composição.

O fato é que mais uma vez, o impulso gerador das imagens foi dado pela memória e pela ficção em recriar um passado onírico. E por este motivo, me foi aconselhado apresentar estas fotografias no trabalho final.

Entre as imagens coloridas feitas na cidade e as imagens preto-e-branco realizadas no campo, identifico um cuidado com ambas, um desejo de harmonia compositiva, mas uma inquietação nostálgica. Desejo sempre que minhas fotos sejam um convite agradável, e reconheço que somente cada destinatário saberá até onde pode ir...

⁷ A mudança definitiva do colorido para o preto-branco foi feita posteriormente em programa no computador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a fotografia nos permita a reavaliação da realidade, pela recuperação de significados perdidos na invisibilidade do cotidiano, e que a confluência imagem e texto ampliam a “fala” do fotógrafo.

Como instrumento de uma subjetividade questionadora e intrépida⁸, a fotografia assume a poética da liberdade e permite que reflexões sobre tempo, memória e ficção sejam sempre ampliadas pelo próximo “clique”.

⁸ SONTAG, 2004. p. 138

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *A Câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994

CRIMP, Douglas. *Sobre as ruínas do museu*. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2005

FERNANDES JÚNIOR, Rubens. *Labirinto e identidade: panorama da fotografia no Brasil (1946-98)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

HUMBERTO, Luis. *Fotografia, a poética do banal*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000

JUNG, Carl Gustav. *Cartas de C.G.Jung: 1945 - 1955*. Tradução Edgard Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002

LIMA, Ivan. *A Fotografia é a sua Linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988

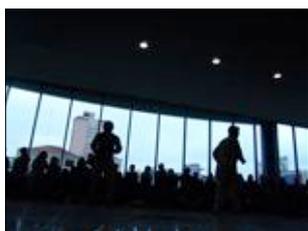
PAIVA, Joaquim (org). *Visões e Alumbramentos: fotografia contemporânea Brasileira na Coleção Joaquim Paiva*. São Paulo: BrasilConnects, 2002

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

KRAUSS, Rolalind. *O fotográfico*. Tradução Anne Marie Davée. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002

Carlos Moreira – *São Paulo dos Olhos para Dentro*. Catalogo Exposição Pinacoteca 2003.

LEGENDAS



Apresentação teatral - Sesc-Pinheiros – out 2005



Jardim Botânico – Curitiba – PR – fev 2006



Jardim Botânico – Curitiba – PR – fev 2006



Basílica Velha – Aparecida – SP – mar 2006



Praça 14 Bis – São Paulo – c. 2001



Torre da Igreja Nossa Senhora da Consolação – São Paulo –
Ago 2004



Monumento Carlos Gomes, Vale do Anhangabaú – São Paulo
– c. 2001



Nova Luzitânia – SP – jan 2006



Vale do Anhangabaú – São Paulo - jul 2003



Praça Ramos de Azevedo/Vale do Anhangabaú – São Paulo -
jul 2003



Rua Mauá/Luz - São Paulo - Jul 2004



Praça 14 Bis – São Paulo - 2000



Av. Paulista – São Paulo - 2000



Av. Vergueiro – São Paulo – c. 2001



Sob Elevado Costa e Silva– São Paulo – c. 1999



Rua Augusta/Rua Antônia de Queirós – São Paulo – jul 2006



Próximo a Estação da Luz – São Paulo – jul 2004



B. Liberdade – São Paulo – mai 2005



Viaduto do Chá – São Paulo – jul 2006



Av. Paulista – São Paulo – abr 2004



Largo de São Bento – São Paulo – jul 2003



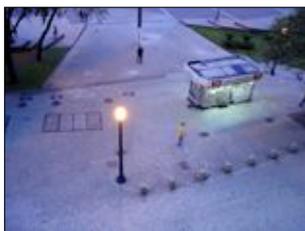
Rua Manuel Dutra – São Paulo – c.999



Av. Paulista – São Paulo – c. 2001



Praça da Sé – São Paulo – mai 2005



Vale do Anhangabaú – São Paulo – maio 2005



Rua General Carneiro – São Paulo – mai 2005



Largo S. Bento – São Paulo – mai 2005



Vale do Anhangabaú – São Paulo – mai 2005



Vale do Anhangabaú – São Paulo – mai 2005

Nova Luzitânia – SP – jan 2006





Curitiba – PR – fev 2006



Alto Paraíso – GO – mar 2006





Auto-retrato

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)